

PAPO COM IA.IÁ: COMUNIDADE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA EDUCAÇÃO

Elton Vinicius Silva

Instituto Federal do Espírito Santo

Marcos Vinícius Forecchi Accioly

Instituto Federal do Espírito Santo

Rutinelli da Penha Fávero

Instituto Federal do Espírito Santo

RESUMO. A Inteligência Artificial (IA) generativa transforma radicalmente a educação, exigindo novos paradigmas de formação docente. Este relato analisa a experiência Papo com IA.IÁ, comunidade virtual de aprendizagem desenvolvida no Instituto Federal do Espírito Santo, como modelo para apropriação crítica da IA no contexto educacional. Fundamentada nos conceitos de Inteligência Coletiva e Comunidades Virtuais de Aprendizagem, e na necessidade de um Letramento Crítico de IA que transcenda o domínio meramente técnico, a iniciativa promoveu 45 encontros síncronos semanais entre agosto de 2024 e agosto de 2025, totalizando mais de 28 horas de interações documentadas e envolvendo 121 educadores de 7 estados brasileiros. A metodologia colaborativa, com pautas construídas coletivamente, estimulou o compartilhamento de experiências práticas. Os resultados apontam uma evolução na percepção docente, do receio inicial ao reconhecimento das potencialidades pedagógicas da IA. A análise temática das discussões revelou focos recorrentes em integridade acadêmica, acessibilidade e a necessidade de políticas institucionais. Como produtos concretos, a iniciativa gerou um portal online, que funciona como repositório de recursos educacionais, e uma comunidade de prática com mais de 200 membros ativos. A experiência demonstra que comunidades virtuais podem catalisar a transformação digital, oferecendo um modelo replicável para o desenvolvimento de competências em tecnologias emergentes, promovendo um amadurecimento coletivo que avança do uso instrumental para uma compreensão ética e aprofundada.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Formação Docente. Comunidades Virtuais. Educação a Distância. Transformação Digital.

1 INTRODUÇÃO

A Inteligência Artificial (IA) emerge como catalisador da transformação digital educacional na atualidade, reconfigurando os processos de ensino-aprendizagem e demandando urgente reestruturação na formação docente. Mauricio, Pareschi e Mill (2023) alertam que a transformação do ciberespaço pela IA representa desafio sem precedentes para educadores, exigindo desenvolvimento de competências digitais complexas que

transcendem o domínio técnico das ferramentas. Segundo Lévy (1999), a cibercultura potencializa o compartilhamento de ideias e a construção coletiva de conhecimento, deslocando concepções tradicionais de comunidade para redes sociais complexas onde o fluxo de recursos e associações se torna dinâmico.

A experiência relatada ancora-se na interseção de três eixos conceituais, sendo eles: a Inteligência Coletiva definida por Lévy (1999) como um saber distribuído potencializado pela interação em rede na cibercultura, onde comunidades se transmutam em redes sociais que mobilizam conhecimento de forma orgânica. Nesse cenário, surgem as Comunidades Virtuais de Aprendizagem, conceituadas por Silva (2006) como agrupamentos com propósitos pedagógicos claros, nos quais o conhecimento é construído através da colaboração e interatividade mediadas por tecnologias digitais. A participação efetiva nesses espaços demanda o desenvolvimento de Letramento Crítico de IA, que transcende o letramento digital tradicional (Buckingham, 2019), envolvendo a capacidade de interagir conscientemente com sistemas de inteligência artificial, avaliar criticamente seus resultados, identificar vieses algorítmicos e utilizar a IA como ferramenta de amplificação cognitiva sem substituir o pensamento crítico humano. Esta perspectiva alinha-se aos saberes necessários para educação do futuro propostos por Morin (2000), especialmente a capacidade de lidar com incertezas e complexidades inerentes às tecnologias emergentes.

Neste cenário, a iniciativa proposta surge como um modelo inovador de desenvolvimento profissional, atuando como espaço semanal para compartilhar experiências e refletir criticamente sobre IA na educação. O objetivo deste relato é analisar a experiência desta iniciativa como modelo de apropriação crítica de tecnologias de IA na educação, descrevendo sua implementação, evolução e possíveis impactos na formação de educadores para navegação da transformação digital contemporânea.

2 METODOLOGIA

A experiência pode ser entendida como uma comunidade virtual de aprendizagem, semanal e aberta, criada em uma unidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia para apoiar a apropriação crítica do uso de Inteligência Artificial (IA) na educação. Entre agosto de 2024 e agosto de 2025, foram realizados encontros síncronos,

com pauta colaborativa, registro integral (gravações, transcrições e resumos por encontro) e curadoria pública em portal específico da iniciativa.

2.1 Contexto da Experiência

A iniciativa aqui relatada é uma comunidade virtual de aprendizagem, semanal e aberta, criada em uma instituição da Rede Federal para apoiar a apropriação crítica do uso de Inteligência Artificial (IA) na educação. O objetivo deste relato é analisar a experiência desta iniciativa como modelo de apropriação crítica de tecnologias de IA, descrevendo sua implementação, evolução e possíveis impactos na formação de educadores para a transformação digital contemporânea. Entre agosto de 2024 e agosto de 2025, foram realizados encontros síncronos semanais, com pauta colaborativa, registro integral e curadoria pública em um portal online específico.

2.2 Estrutura e dinâmica dos encontros

Os encontros realizaram-se semanalmente às quintas-feiras, em formato síncrono via webconferência, das 15h às 15h45. A duração planejada era de 45 minutos, mas a duração média real foi de 49,3 minutos por encontro. Cada sessão iniciava com um brainstorming coletivo para a definição da pauta, garantindo responsividade às necessidades emergentes dos participantes e materializando princípios da inteligência coletiva. Durante os encontros, os participantes discutiam e experimentavam ferramentas de IA generativa por meio de demonstrações práticas, análises comparativas e debates sobre práticas pedagógicas.

2.3 Caracterização dos participantes

A experiência mobilizou um público com grande diversidade institucional e geográfica. O perfil dos participantes incluiu professores de educação básica, docentes do ensino superior, pesquisadores, estudantes de pós-graduação e gestores educacionais. A representação institucional abrangeu múltiplos campi da instituição proponente, universidades federais e estaduais, secretarias municipais de educação e instituições privadas. O alcance geográfico estendeu-se por 7 estados brasileiros.

2.4 Coleta e sistematização de dados

A experiência priorizou a documentação contínua e transparente. Os procedimentos incluíram a gravação integral de 44 sessões, a transcrição de 35 encontros via IA e anotações detalhadas realizadas pelos coordenadores em todos os encontros. Todos os materiais foram organizados e disponibilizados publicamente no repositório digital da iniciativa. Cada encontro gerou artefatos como: resumo executivo gerado por IA, links para recursos discutidos, gravação integral, imagem dos participantes e imagem temática criada colaborativamente.

3 RESULTADOS

3.1 Padrões de participação e engajamento

Ao longo de um ano, foram realizadas 45 sessões únicas, totalizando 28 horas e 44 minutos de interações documentadas e envolvendo 121 participantes únicos. A média foi de 8 participantes por encontro, com um mínimo de 2 e máximo de 15. Identificaram-se diferentes perfis de participação: um núcleo coordenador (2 servidores, com 97,8% de presença), um núcleo ativo (15 participantes, >60% de presença), participantes regulares (35 pessoas, entre 20% e 60% de presença) e participantes eventuais (71 pessoas, <20% de presença).

3.2 Evolução da Comunidade: As Três Fases da Apropriação

A análise dos encontros revelou uma trajetória evolutiva em três fases:

- **Fase Exploratória (Encontros 1-15):** Foco na desmistificação da IA e superação de resistências, com participantes expressando receios como "medo de ser substituído" e "preocupação com plágio". As discussões centraram-se em demonstrações básicas e conceitos fundamentais.
- **Fase de Apropriação (Encontros 16-30):** Transição para a experimentação ativa, com educadores compartilhando casos de uso concretos, como criação de materiais didáticos e automação de feedback. Um vocabulário técnico

compartilhado emergiu, com discussões sobre "engenharia de prompts" e "alucinações de IA".

- **Fase Reflexiva (Encontros 31-45):** Caracterizada por discussões críticas aprofundadas sobre implicações éticas, sociais e pedagógicas da IA, abordando temas como autoria, avaliação e políticas institucionais.

3.3 Análise temática das discussões

A análise das transcrições revela questões recorrentes que mobilizaram a comunidade, como: Ética e Integridade Acadêmica; Equidade e Inclusão; Formação Estudantil para o uso crítico da tecnologia; e a necessidade de Políticas Institucionais claras. Tematicamente, destacaram-se o uso de IA para criação multimídia, a integração com o ambiente virtual de aprendizagem Moodle, o uso de IA para acessibilidade e a automação de processos administrativos.

4 DISCUSSÃO

Os resultados indicam que o formato de encontros semanais mediados foi eficaz para consolidar uma comunidade de prática com curadoria e registro sistemático. A cultura de documentação (gravações, imagens, informação pública) não apenas viabiliza evidências auditáveis, mas também potencializa o reuso didático do material, fortalecendo a contribuição da experiência para a transformação digital na Educação a Distância. Embora o alcance tenha sido alto, os dados de engajamento sugerem que há espaço para desenvolver estratégias de fidelização e retenção, visando converter participantes eventuais em regulares. A evolução da comunidade em três fases — da desmistificação à reflexão crítica — demonstra um amadurecimento coletivo na apropriação da tecnologia, que transcende o simples uso instrumental e avança para uma compreensão pedagógica e ética aprofundada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência realizada demonstra que a transformação digital na educação não depende exclusivamente de grandes investimentos em infraestrutura ou treinamentos

formais massivos. Comunidades de prática autoorganizadas, apoiadas em modelo de baixo custo operacional, fundamentado no design participativo e na documentação sistemática, podem não apenas a adoção de ferramentas, mas um amadurecimento coletivo na apropriação tecnológica. A transição observada, de uma fase exploratória marcada por receios para uma fase reflexiva de debates críticos, evidencia o potencial do modelo para promover um letramento em IA que transcende o uso instrumental.

As evidências coletadas sugerem implicações práticas e direcionamentos futuros para a iniciativa e para o campo da formação docente. Para continuidade e expansão da iniciativa, planejamos formalização como programa de extensão com certificação, desenvolvimento de trilhas formativas estruturadas para diferentes níveis de competência, criação de rede interinstitucional de comunidades de prática em IA educacional e elaboração de *framework* capaz de mensurar impacto das práticas mediadas por IA na aprendizagem estudantil, fechando o ciclo de inovação pedagógica.

A experiência com o "Papo com IA.IÁ" projeta um cenário onde educadores não são meramente substituídos pela IA, mas assumem o papel de curadores e mediadores de um processo de amplificação cognitiva, usando a tecnologia de forma crítica e com reflexão coletiva para criar experiências de aprendizagem mais ricas, personalizadas e inclusivas. A transformação digital revelou-se não como uma imposição tecnológica, mas como uma jornada coletiva de descoberta e reinvenção pedagógica, validada pela metodologia de encontros abertos e pautas emergentes. Em um momento histórico em que a velocidade da mudança tecnológica desafia estruturas educacionais tradicionais, experiências como esta apontam caminhos possíveis para navegação colaborativa da complexidade, mantendo o humano no centro do processo educativo.

REFERÊNCIAS

BRITO, L. H. S.; PANIAGO, M. C. L. **Inteligência Artificial (IA) no trabalho docente**: ChatGPT, aliado ou vilão?. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA, 20., 2023, Campo Grande. Anais [...]. Campo Grande: UFMS, 2023.

BUCKINGHAM, D. **The Media Education Manifesto**. Cambridge: Polity Press, 2019.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

MAURICIO, G. C.; PARESCHI, C. Z.; MILL, D. **Formação de professores para o século XXI**: uma breve reflexão sobre educação híbrida, ciberespaço e TDIC. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA, 20., 2023, Campo Grande. Anais [...]. Campo Grande: UFMS, 2023. p. 1-10.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**: educação, comunicação, mídia clássica, internet, tecnologias digitais, arte, mercado, sociedade, cidadania. São Paulo: Loyola, 2006.

Licença de acesso livre



A **ESUD | CIESUD | SIGATEC** utiliza a [Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](#), pois acredita na importância do movimento do acesso aberto ao conhecimento.